Marco Aurélio de Brito*

O anúncio do Jesus crucificado – Gal 6,11-18

The proclamation of the crucified Jesus - Gal 6,11-18

Resumo

Este artigo analisa os pressupostos sobre os quais a carta de Paulo foi escrita, especificamente a perícopes final, ou seja, Gálatas 6,11-18. Nesse aspecto, estaremos analisando as possíveis influências socioculturais que a comunidade sofreu ao longo do tempo. Diante desse espaço e com esse contexto, falaremos de forma breve sobre essas identidades fluídas que atingiram o cristianismo primitivo na Galácia, além de tentar compreender o processo étnico em que estavam envolvidos os celtas, os judeus e o pensamento Greco-Romano desse período dentro desse ambiente. Abordaremos também a teologia paulina, que é contrária à influência de grupos judaizantes que tentaram fortalecer a teologia da lei, enquanto Paulo reforça e enfatiza a fé na cruz de Cristo. O discurso dos judaizantes era contraditório, já que a crucificação no corpo é um paradigma diante da circuncisão. Nesse aspecto iremos traçar um paralelo entre o anúncio do Jesus crucificado e a perseguição que Paulo sofreu por causa da cruz. Além disso, faremos uma breve análise do texto para compreendermos o sentido e as questões prioritárias dessa perícopes. Como também, aprofundar-nos-emos em alguns termos teológicos que Paulo usou para confrontar a fé e a teologia dessa comunidade.

Palavras-chave: Lei; Circuncisão; Carne; Corpo; Crucificação.

Abstract

This article analyzes the presuppositions in which the Paul's letter was written, specifically the final pericope, in other words, Galatians 6, 11-18. In this aspect, we will analyze the possible sociocultural influences that the community suffered over time. Before this space and with this context, we will talk briefly about these fluid identities that hit the primitive Christianity at Galatia, in addition to try understand the ethnic process in which the Celts were involved, the Jews and the Greco-Roman thought of this time inside this ambient. We will also approach

* Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Claretiano e professor da FATEJ/FADISA de Santo André-SP. Email:prmarcobrito@gmail.com

the Pauline theology which is the opposite of the judaizers groups, who tried to strengthen the law theology, while Paul reinforces and emphasizes the Christ's cross faith. The judaizers' speech was contradictory, since the crucifixion on the body is a paradigm in front of the circumcision. In this aspect, we will draw a parallel between the sacrificed Jesus announcement and the persecution that Paul suffered because of the cross. Besides, we will do a briefly analysis of the text in order to understand the meaning and the major questions of this pericope. Also, we will deepen in some theological terms used by Paul to confront the faith and the theology of this community.

Keywords: Law; Circumcision; Flesh; Body; Cross.

Introdução

Nosso artigo procurará entender o conflito da fé paulina, o sentido desse discurso da crucificação, que Paulo debateu diretamente com a teologia judaizante que alguns cristãos trouxeram para a comunidade da Gálacia, além dos cultos da deusa Mãe e Atis, e, também, do culto ao imperador. Por meio do seu ambiente e das discussões que permearam a história da comunidade e, evidentemente, seu contexto social, faremos uma releitura para poder compreender e responder aos problemas que ela apresenta. A carta de Paulo foi escrita para enfrentar os problemas decorrentes de sua época, e a fé contraditória de alguns que estavam influenciando os membros da comunidade. Fez-se necessário, muitas vezes, um discurso duro do apóstolo para tentar manter o grupo unido e ligado à mensagem cristã que ele mesmo divulgava e acreditava. Nesse contexto percebemos os diversos problemas teológicos e estruturais da comunidade no primeiro século. Assim, Paulo declara a fé em Cristo, lembrando a todos que a cruz é o maior sinal da comunidade. Com esse intuito, o anúncio do Jesus crucificado é importantíssimo para nossa perícopes, pois é capaz de ultrapassar qualquer sinal no corpo, a não ser que o sofrimento seja por amor do próprio Cristo crucificado, como foi o caso de Paulo.

1. Etnias

A história da Galácia esteve envolvida em muitas guerras, antes da metade do III Séc. a.C., esse nome surgiu da seguinte forma: "No grego o termo *galátai* alterna com *kéltai* ou *kéltoi*. Nos idiomas derivados do latim fala-se gálatas, galauses ou celtas. Estes termos referem-se ao grupo de pessoas originárias da Europa Central" (FERREIRA, 2005, p.14). Esse povo conhecido como Bárbaros instalou-se, segundo Joel

Ferreira, entre o Danúbio, Suíça, sul da Alemanha, França, Espanha (Gálacia) e Portugal.

Depois a história nos conta, que eles foram convidados pelo Rei da Bitínia “Nicomedes entre 278 a.C., a partir para a Ásia Menor, onde levaram suas famílias, sendo usados como mercenários” (FERREIRA, 2005, p.14), foi próximo a esse período que os celtas invadiram e guerrearam com a Grécia e algumas outras regiões da Ásia menor. Novamente as guerras se abateram e o “Atalo I Soter (241-197) primo de Êumenes I, derrotou os celtas fixados no centro-norte da Ásia Menor (Galácia)”. (KOESTER, 2005, p.22/23). “Após a morte desse extraordinário Rei em 197 a.C., os Gálatas começaram sua incursão para o Ocidente, sempre na Ásia. Sofreram uma grande derrota em 189 a.C., para os romanos, tornando-se, a partir daí seus perpétuos aliados” (FERREIRA, 2005, p.14). Após esse momento a Galácia tornou-se uma espécie de base militar, ou um espaço de manutenção de poder do Império. Assim: “A Galácia foi um caso típico de abocanhamento pelo Império Romano, suas terras passaram para o Imperador, e as que não foram dados aos cidadãos Romanos foram agregadas ao patrimônio do Imperador” (FERREIRA, 2005, p.14).

Com o passar do tempo, os Gálatas, demonstrando fidelidade a Pompeu, receberam esse território de forma clientelista e havia agora uma casta aristocrata, mas, com o tempo e a diversidade do casamento com os frígios, eles se tornaram um povo misto. E por esse motivo, os gregos os viam com certo menosprezo. Estavam agora unidos dois grupos distintos, os Frígios que eram calmos e acomodados, e do outro; celtas ou gálatas: altos, ferozes, e simplórios, típicos bárbaros, segundo comenta (FERREIRA, 2005, p.15). Falava-se ali, o celta e o grego como segunda língua. Por fim, “foi no encontro dos celtas com os frígios que se formou o povo gálata. (FERREIRA, 2010.p.17).

2. Igreja Gálata

A fé cristã na Gálacia encontrou um ambiente complicado, pois esse território estava profundamente envolvido com o poder político imperial, além de uma variedade de cultos. É importante lembrar que nesse período já havia sido concedido pelo império o direito aos judeus de praticarem seu ritual dentro do espaço de domínio romano, o que fez com que alguns cristãos pudessem transitar pelas sinagogas instaladas na região. Foi nesse ambiente que inevitavelmente aconteceu essa discussão teológica apresentada na carta paulina.

Para apontarmos quais as discussões vividas por esse grupo fora de Jerusalém, na região da Anatólia, queremos primeiro apresentar alguns pontos sobre a identificação da localização geográfica da comunidade da Galácia. Isso porque ainda existe uma grande discussão sobre para qual região realmente foi endereçada a carta, e por isso Joel Ferreira vai nos direcionar pela seguinte opinião “pode se referir ao “território” na parte Central, o planalto da Anatólia – “teoria da Galácia do Norte” – ou à “província – “teoria da Galácia do Sul” = toda a província romana” (FERREIRA, 2005, p.19). De que forma entender qual dessas regiões, Paulo se referia? Hardin (2008, p.3) diz que sempre houve dúvidas.

Em contrapartida, temos também a afirmação mais antiga e defendida por muitos estudiosos, que a carta fora endereçada ao norte da Galácia, ou seja, a parte central da Anatólia. A lógica segue o caminho trilhado por Lucas que ao citar o destino que Paulo fez, não falava sobre o nome das províncias, mas sim seus distritos geográficos (como Antioquia, Listra e Derbe). Nesse aspecto a referência que temos leva a supor que é a Galácia do Norte. Seguindo então as referências de Ferreira (2010, p.20), optamos pela Galácia do Norte como o endereçamento da carta, já que todos os dados são especulativos.

a. Culto na Galácia

Essa era uma região, como já mencionamos, habitada por uma miscelânea de povos, com uma diversidade de cultos e deuses. Dois desses cultos possivelmente tiveram atenção especial naquele período para a comunidade Cristã. Segundo Hardin (2008, p. 5), esses dois grupos importantes, eram a Mãe dos deuses, e o culto imperial.

Na Carta aos Gálatas e na devoção à Mãe dos deuses, Hardin (2008, p. 6) comenta que ela era considerada guardiã de seu território, dos habitantes, e com poder de jurisdição. Conhecida também como a deusa Cibele, ela teve suas formas helenizadas de grupos femininos da idade clássica da Frígia e, também, do ciclo do culto mítico de Átis. Esse culto circulou por complexos modelos religiosos que gravitaram ao redor dessa grande Mãe dos deuses. Ela também teve seus antecedentes orientais de certa forma mantidos, mas que precisou ser transformado para fazer parte da religião grega (GASPARRO, 1985, p.119). Assim também Átis uma divindade menor, e, que era um ser andrógono e castrado, subordinado a essa deusa, e que servia como exemplo para as sacerdotisas mães. Os sacerdotes de Átis eram os *Galli* e também se submetiam a castração (HARDIN, 2008, p.6). O grande proble-

ma para Paulo era a similaridade entre a castração e a circuncisão que a comunidade dos Gálatas ainda praticava. Nesse aspecto, Izidoro nos explica que Paulo não considerava errado o ato da circuncisão, mas o problema era seu temor diante dos convertidos sendo circuncidados, e que pudessem voltar a serem escravos do poder da Mãe dos deuses. (Cf. IZIDORO, 2016, p.167/8).

Essas similaridades tornam-se evidentes diante do contexto histórico e na leitura de Gálatas 5,1-12. Fica clara, nessa perícopes, a indignação paulina quanto à liberdade com que Cristo vos ensinou um novo modelo de vida e fé, mas ainda assim a comunidade quer voltar à escravidão religiosa. “O v.12 provavelmente cita uma prática comum conhecida na época, no culto a Cibele e Átis, quando os iniciados a alguns ritos místéricos e os sacerdotes se mutilavam. No seu confronto com os perturbadores, Paulo diz a eles “que se façam mutilar”. (FERREIRA, 2005, p.163).

Da mesma forma, o culto ao Imperador crescendo e, nesse momento, já poderia ser conhecido e influente nesse ambiente. Alguns autores, além de Hardin e Izidoro, complementam dizendo que o culto a Mãe dos deuses estava em franca queda já em Péssino, e foi suplantada pelo culto ao imperador.

3. O Conteúdo da Carta

Pretendemos agora, falar sobre temas importantes para nosso texto, e que fazem parte do conteúdo da carta paulina, e que influenciaram diretamente a teologia da nossa perícopes. Após termos brevemente apontado os acontecimentos históricos que envolveram a carta, falaremos a partir daqui sobre os termos pertinentes do nosso texto e como o autor, por meio de sua fé e a contextualização do seu imaginário religioso, tentou defender a fé cristã e se empenhou em guardar a comunidade da apostasia, segundo o seu entendimento sobre o reino de Deus e a glória de Cristo.

a. Lei

Esse é um dos termos mais abundantes em Galátas, aparecendo em todo corpo textual e sendo utilizado 32x¹ (FIEL, 1997, p.371), demonstrando sua importância à teologia da carta. Em nossa perícopes, entretanto, o termo surge apenas uma vez, o que nos mostra que o termo já

¹ Todos os dados sobre a quantidade de termos foram tirados Concordância Fiel do Novo Testamento, Vol II – Português-Grego. São José dos Campos. São Paulo: Editora fiel, 1997, 849p.

havia se exaurido e, então, Paulo já poderia finalizar com outras ideias tão importantes quanto ela para comunidade. Mesmo assim, devido todo o seu uso anterior, nos parece ainda pertinente tratar o termo.

Por isso, queremos falar sobre o sentido da lei no contexto da antiguidade, sua importância vital para a sociedade, e a forma com que o judaísmo, e o cristianismo viam em seu contexto. “Nas sociedades antigas, a lei (*nómon*) aparece como aquela norma que exige uma adoração dos deuses e que cria a justiça entre a pessoas” (SCHNELLE, 2010, p.376).

A constituição da lei na história, desde os seus primórdios, foi limitar o ser humano, guiando-o na disciplina e na ordem. Parece-nos que esse foi o parâmetro para que esses códigos fossem bem aceitos e assumidos pelo povo. Através de um processo organizado e estruturado por líderes locais, que percebiam as necessidades sociais, divinizavam-se os procedimentos legais fazendo com que as tribos, clãs e as sociedades, de forma geral, os percebessem como desígnios divinos.

O AT tem os mesmos nuances desse processo jurídico: a lei dada por Deus salva e guarda seu povo. “O ser humano se depara com a exigência de Deus concretamente no *nomon*, na lei do AT, cujo sentido não é outro senão conduzir o ser humano para a vida (*eis zoen*) – Rm 7.10; cf Rm 10.5; Gl 3.12b” (BULTMANN, 2004, p.322). A lei mosaica estabeleceu formas de manutenção social como qualquer outra lei, mas sua direção especial para seu povo, como para os bens e serviços, mostrou-se, em alguns momentos, deficiente. Em muitos períodos, foi necessário fortalecer seu cerne com novas teologias, assegurando, assim, seu poder para a manutenção do *status quo* que, após o exílio, fortaleceu-se usando a escravização como forma de punição diante do pecado.

Nesse aspecto, a lei do “SENHOR”, se não fosse obedecida, traria julgamento. “No judaísmo dos dois últimos séculos a.C., e nos tempos de Jesus, “*nomos*” se empregava no sentido absoluto: a lei era coisa absoluta em si mesma e independente da aliança. É o cumprimento da lei que determina se alguém é membro do povo de Deus” (COENEM; BROWN, 2004, p.1156).

Os cristãos foram alvo, segundo os autores bíblicos, de infundadas acusações de heresias, pelas principais lideranças judaicas no primeiro século, devido às atitudes de Jesus diante do pecador, que ao afirmar a sua cura, dispensava-os sem obrigações ritualísticas, como, por exemplo, nos textos da mulher do fluxo de sangue, o cego de Jericó e etc.,

que recebem o perdão com a simples frase (he pistis sou sesoken se) tua fé te salvou.

Após a morte de Jesus e com Paulo, um teólogo-missionário enviado ao mundo Greco-romano para anunciar o reino de Deus, sem o jugo, ou melhor, sem o olhar judaico da lei, mas com a percepção da fé que justifica, ele passa a promover uma nova discussão para a comunidade, mudando o conceito de lei para a graça.

Paulo apresenta para a comunidade cristã, e aos Gálatas, que a lei tem seus lados negativos, e que aquilo que era ensinado no judaísmo deveria ser repensado. Ele também evidencia posições importantes e que dão a lei certo valor. "... a Lei é incapaz de dar a vida, de criar um ambiente de Justiça. Agora, vemos a dimensão positiva da Lei, que é a de ser "o nosso pedagogo até [a vinda] do Cristo" (FERREIRA, 2005, p.88). Esse verso citado em Gálatas 3,25 mostra a dimensão do sentido da lei, sobre essa organização Paulina, onde ele a coloca inferior em relação a fé em Cristo, mas não inútil, pois serviu como ponte para chegar ao filho de Deus. "A Torá tinha um valor secundário.[...] Paulo não precisava de uma doutrina diferenciada da lei, porque a lei não era um tema prioritário". (SCHNELLE, 2010, p. 382).

b. Circuncisão

Em Gálatas esse termo aparece 6x como verbo (*peritemno*), e 7x como substantivo (*perithome*), e também temos o termo incircuncisão (*akrobystia*) que aparece 3x. Fica então evidente que esse tema é extremamente relevante na discussão Paulina com sua comunidade. "O sub. Correspondente, *perithome* se acha pela primeira vez no século II a.C. Parece que sempre foi um termo técnico para circuncisão" (COENEM; BROWN, 2004, p.355).

Entender o princípio do uso desse ritual na Bíblia sempre foi uma grande discussão entre os biblistas, mas parece que na história já temos discussão desse tipo de cerimônia. O mundo antigo tem relatos sobre a circuncisão, fora da Bíblia, entre eles podemos encontrar traços nos egípcios, e de forma mais efetiva no Oriente próximo. "É difícil definir a extensão dessa prática no Oriente antigo, por causa da incerteza e da contradição dos testemunhos. No Egito, os baixos-relevos comprovam-na desde o III milênio a.C os textos a mencionam, Heródoto fala dela, mas certas múmias não estão circuncidadas" (VAUX, 2004, p.70). Talvez apenas os sacerdotes fossem obrigados, segundo o próprio De Vaux. Mas entre os semitas a prática se agregou a seus costumes.

Apesar disso, segundo Megahed e Vymazalova (2012, p.156), temos poucas, mas consistentes evidências onde já seria possível observar a circuncisão masculina como prática no Egito. Mesmo escassos alguns relevos e estátuas demonstravam que as classes nobres e inferiores da sociedade haviam sido circuncidadas, até em restos mumificados de diversos períodos da história egípcia indicam a circuncisão entre toda a população egípcia:

Entretanto o lugar das discussões relacionadas a idade dos meninos circuncidados. Conforme foi aceito, a operação era realizada na puberdade no Antigo Reino, mas a partir do Novo Reino a circuncisão infantil também é atestada (Bailey 1996: 24-25, 26). Nisso se presume que a prática poderia ter mudado ao longo do tempo, e as idades em que a operação era executada teve relativamente ampla variedade (apud MEGAHED; VYMAZALOVA, 2012, p.156; tradução nossa).²

Figura 1. Fragmento de relevo descoberto por Fakhry no templo funerário de Djedkare
Fonte: M. Megahed.(MEGAHED; VYMAZALOVA, 2012, p.156,157).

Como podemos ver na página seguinte, essa imagem retrata uma circuncisão de meninos, e que pode ter sido parte do processo que chegou aos adultos também, alguns relatos apontam que a circuncisão foi usada para a higiene da nação.

2 Discussions have taken place however concerning the age of the circumcised boys. According to generally accepted opinion the operation was performed at puberty in the Old Kingdom, but starting from the New Kingdom, infant circumcision is also attested (Bailey 1996: 24–25,26). It is presumed that the practice could have changed over time, and the ages at which the operation was performed had a relatively wide range (Bailey 1996: 25).

Figura 2. Fragmento de relevo descoberto por Fakhry no templo funerário de Djedkare. Desenho

Fonte: M. Megahed.(MEGAHED; VYMAZALOVA, 2012, p.156,157).

Por muito tempo, os estudiosos assumiram uma relação direta entre os mundos Egípcio e semítico ocidental em uma questão de Higiene e, provavelmente, de ritos religiosos . “Circuncisão”, afirmou Eduard Meyer “, estava na casa no Egito desde os tempos mais antigos, e de lá Foi adotado pelos israelitas e pelos fenícios.”³ (SASSON,1966, p.473).

Ainda que Sasson em algum momento deixe transparecer alguma dúvida sobre esses fatos, a arqueologia parece fundamentar essa ideia, “De Vaux”, também aponta para essa direção e diz que “Js 5,9 parece designar a incircuncisão como “a desonra do Egito”. Pelo contrário Jr 9.24-25 enumera os egípcios juntamente com Judá, Edom, Amom, Moabe, e os Arabés, como circuncisos na carne, mas incircuncisos no coração”. (VAUX, 2010, p.70).

A circuncisão foi instituída em Israel por meio da história Abraâmica, que segundo os estudiosos foi elaborada pelo relato sacerdotal, e que se atestou sendo substituído, da relação de higiene para um ato religioso justamente no exílio, sendo assim, foi um fator distintivo de pertença entre Israel e o seu Senhor lavé.

³ FOR a long time, scholars have assumed a direct relationship between the Egyptian and West Semitic worlds in one matter of personal hygiene and, probably, of religious rites.’ “Circumcision,” stated Eduard Meyer, “was at home in Egypt from the earliest times, and from there it was adopted by the Israelites and by the Phoenicians

No período do primeiro século a.C., a teologia judaica já estava estabelecida e firmada como uma sociedade religiosa e que usava a circuncisão como rito de iniciação para adentrar na comunidade, inclusive até mesmo Jesus fez uso dessa prática (Lc 2,21). Mas agora a sua posição como relevante na religiosidade da comunidade cristã, será destituída, ainda que um grupo a tem como importante, o que passará agora a valer como rito de passagem é o batismo, principalmente com a forte ênfase da fé cristã e a teologia Paulina.

Paulo discutiu com seus irmãos Gálatas influenciados por alguns outros cristãos que talvez possamos considerar seus rivais por tratar a fé com o sinal da circuncisão, e por entender que estes estavam preocupados com outro tipo de evangelho.

c. Carne

A palavra carne (*sarx*) aparece em Gálatas 18x. Tanto quanto à circuncisão, vemos como Paulo está refletindo sobre os problemas da comunidade. “*Sarx* significa, em primeiro lugar “carne” no sentido da corporalidade material do ser humano; diferente de *kréas*,⁴ a carne dos animais que serve para alimentação (Rm 14.21; 1Co 8.13) ela é a carne animada do ser humano, viva em suas manifestações sensoriais e perceptível para a percepção sensorial”.(BULTMANN, 2004, p.292).

Paulo normalmente sugere e usa depreciativamente o termo carne, dando ao termo uma forma que não está em condições de seguir servindo a fé em Deus. A associação é levada muitas vezes a um argumento teológico que coloca o ser humano no mais alto grau da fraqueza. “doenças são designadas como “fraqueza da carne” (Gl 4,13) ou como “agulhão na carne” (1Co 7,28) e vários tipos de carne (1Co 15,39). Em Gl 4,23.29; Rm 4,1; 9,3; 11,14, *sarx* representa a pertença ao povo de Israel no sentido genealógico. (SCHNELLE, 2010, p.366).

A interpretação negativa do apóstolo denota a falta de confiança em alguns membros da comunidade, o que demonstra que o ser humano que não tem sua vida fundamentada na fé em Cristo não se pode esperar nada em especial. A resposta para esse confronto moral está em um jogo de palavras onde ele mesmo diz viver uma vida com esses atributos. “é verdade que Paulo vive (em *sarx*) na carne, mas não segundo a carne (*kata sarka*), cf. 2Cor 10,3). (SCHNELLE, 2010.p.366). Essa teologia não é pura e simplesmente paulina, ela tem um histórico teológico mais amplo. O AT já tem um procedimento teológico que

⁴ Kréas – carne.

esmera essa concepção. Evidentemente, ela cresce com a comunidade de Israel, diante da fluidez dos encontros sociais e comunitários, onde a concepção é dialeticamente revitalizada.

Assim como em Qumran, uma comunidade da purificação entende a carne como lugar do pecado. Berger nos lembra do comentário de Paulo ao relacionar carne e pecado, onde ele descreve claramente o desejo da maldade Rm 7,14, em si como falam os rabinos. Assim podemos dizer que existe uma estreita ideia entre Paulo e Qumran, essas ideias fluídas são parte do contexto das comunidades judaicas e cristãs. “Por isso, fala-se até do “Espírito da carne” (1QH 13,13;)17,25 e agora também 4 Q 416,11), que é contraposta ao Espírito Santo (1QH17,26). Na teologia paulina, o Espírito Santo e a carne são duas coisas contrapostas” (BERGER,1994, p.108).

O que queremos expor aqui diante desse contexto, é a teologia que Paulo apresenta, pois a fé deve ser entendida como ação em si mesma, sem subterfugios. Assim tudo que se faz na carne como sinal de fé, para ele é engano, pois na carne só temos o sentido do pecado, se não for viver a fé por amor a Cristo, nada é verdadeiro, para o apóstolo dos gentios.

d. Corpo

Na carta aos Galátas o termo (*somati*) que é substantivo dativo neutro singular de *soma*, responde uma questão importante como: A quem? ou Para quem? Ele tem o interesse pessoal, indicando a pessoa ou ação sobre ela. Nesse caso, Paulo refere-se ao aspecto principal do seu ministério que carrega no corpo as marcas de Jesus, ele escolheu viver a sua fé pautada no ideal de santidade que revela o Cristo.

Schnelle (2010, p. 364) nos lembra de que Paulo emprega duas formas de usar o termo, na negativa quando fala do corpo do pecado em Rm 6,6; e em Rm 7,24 corpo da morte. Mesmo o corpo podendo ser batizado, ele não se livra das tentações do pecado. Em comparação com a carne, que se submeteu ao pecado, o corpo “O *soma* não está entregue e submetido aos poderes alheios da *sarx* e do *amarthia*, mas está sempre em perigo de ser dominado por elas. *Soma* é o próprio ser humano, *sarx*, ao contrário, um poder alheio que quer dominá-lo.” (SCHNELLE, 2010, p.364).

O exemplo de Paulo não é firmar sua fé no corpo, mas em contrapartida, sem ele a realidade cristã não se reconhece. O corpo tanto individual (*self*), como coletivo, que é a comunidade, é o templo do Es-

pírito Santo, Segundo (BERGER, 2011, p.105) e sua análise sobre Paulo. Nesse aspecto o (*soma*) é em certa medida dualista, pois transita entre o sagrado e o profano, entre o que é justo e o injusto, entre o ser pecado e o ser santificado, ou como melhor definição um corpo carnal, ou corpo espiritual, sem deixar a essência do ser, em suma ser ou não de Cristo.

Tudo reflete o seu entendimento e sua vontade de pertencer a Deus como corpo que revela o divino no sacrifício da mortificação dessa corporeidade que se faz presente na posse de outros. “Nesse sentido, Paulo pensa o corpo no âmbito de relações de posse mutuamente excludentes. Pois o corpo do ser humano pertence ou ao pecado (Rm 6,6: corpo de pecado) ou a Jesus Cristo (Rm7,4: “pelo fato de vosso corpo ser o corpo de Cristo”). (BERGER, 2011, p.106). Entendemos então, que o corpo também apresenta a fé, como parte integrante da existência relacional. Uma fé não apenas transitória, mas que se fixa no mundo pelo outro, e, é necessário que se mantenha em profunda relação com Deus pela fé em Cristo.

e. A Cruz, o Culto ao Imperador e o Jesus Crucificado.

Uma das formas mais terríveis de morte no mundo antigo era a cruz. Na teologia paulina na carta aos Galátas o termo é usado de duas formas, a primeira mais tradicional e direta que é (*stauros*), o que responde direto a uma tradução mais comum para cruz, e também podendo ser estaca. Paulo faz uso desta palavra 3x nessa carta.

Outro termo de suma importância que não corresponde diretamente, mas podemos dar a ele uma conotação teológica e que nesse sentido tem muita profundidade e alcança a teologia do AT, é (*xylon*) madeira ou árvore. Paulo em Galátas 1x, “3,13 Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” à grandiosidade desse verso, se orchestra na fraqueza da lei, diante do poder da graça.

Em todo caso, a cruz que foi um símbolo de vergonha para o mundo, é sinal da manifestação gloriosa para a fé cristã. O paradigma da cruz evidencia o quanto a fé em Cristo, revela a contradição aos valores do mundo.

Antes da cruz, o oriente teria o enforcamento e o empalhamento do réu podendo chegar até a decapitação (cf. *Políb.*, 7,21,3). Esse formato foi rejeitado no Ocidente (Cf. *Hdt.*, 7,238, 1-2 com 9, 78, 3;9,79,1; *Plut. De Pericle*, 28,1), sendo assim, aderiram outra forma de sofrimento e punição. A crucificação foi um meio de castigo que não apenas enver-

gonhava, mas era dolorosa e lenta. Era muito conhecida na Grécia e em Cartago, e possivelmente chegou aos romanos por meio dos cartagineses, por isso não se pode dizer que era um martírio bem desenvolvido e praticado no oriente, ainda que em casos raros fosse executado.

Os romanos então deveriam ter seguido um modelo. Assim como os gregos, no oriente os romanos ou os libertos com cidadania romana ficavam livres da crucificação pelo menos até o início do período imperial. Em alguns casos raros essa lei poderia ser revogada, “mas de fato escravos, estrangeiros e habitantes de províncias estrangeiras”. (Cf. COENEN; BROWN. 2004, p.478).

Antes das ocorrências da crucificação em Israel, existiam outros modelos de morte vergonhosa e punitiva para a manutenção do estado. O AT apresenta em alguns momentos mortes por decapitação e o corpo na estaca, como foi o caso em que podemos ler em 1Sm 31,9-10). (Cf. COENEN; BROWN. 2004, p.479).

No século primeiro a.C, a pena de morte implementada, foi tirado do sinédrio e elevada a autoridade romana, dentro do espaço cultural judaico. Ainda assim a práxis romana da crucificação era detestada pelo judaísmo. No Novo Testamento a fé cristã propagou a narrativa da Paixão onde o Jesus Crucificado foi levantado, paradoxalmente os autores cristãos desse período transformaram esse símbolo, em novo processo de fé, pois essa era uma morte tão vergonhosa, que os romanos evitaram fazê-lo a seu próprio povo, mas o cristianismo por motivos históricos, não podendo negá-lo reorganizou sua teologia, dando a esse fato, um sentido teológico, que mudaria a forma de entender a morte na cruz.

Após iniciarmos nosso estudo falando da mãe dos deuses, é necessário agora falarmos de um dos mais importantes cultos do mundo antigo e principal financiador do mecanismo de poder, e mantenedor do estado que ficou conhecido, no período da fé cristã, como o Culto ao imperador.

O Jesus crucificado e a sua ressurreição, entrará em discussão direta com esse culto. O cristianismo era considerado uma seita judaica na visão do império, que naquele momento radicalizava com os preceitos do mundo pagão invertendo a ordem social de sua comunidade. Os cristãos então negavam a divindade do imperador, e de qualquer outro deus, tornando-se assim um grupo ateu já que adoravam uma única divindade e não se comprometiam com o império. Segundo Koester, “o culto egípcio tradicional ao imperador foi simplesmente transferi-

do a Ptolomeu e mais tarde aos imperadores romanos” (2005, p.38). Evidentemente essa transferência ocorreu com mudanças de estilo e forma, o que não nos interessa falar nesse momento. Interessante para nós são três questões importantes, que deflagram uma crise direta entre o culto imperial e a adoração ao Jesus crucificado, que podem ser pontuados assim.

Primeiro, a divinização de Augusto que por meio das normas e leis estabeleceu as boas novas, além disso, “inscrições que datam do primeiro reinado imperial, onde se pode ler a frase como esta: << a providência nos tem enviado a Augusto como Salvador, para deter a guerra e por ordem em tudo, o dia do seu nascimento foi para o mundo o princípio da boa nova>>.” (ROPS,1955, p.119). Charpentier também nos fala que no 9.a.C, encontrou-se em Priena, Ásia Menor, uma inscrição que celebra o nascimento de Augusto. “O dia do nascimento de deus (Augusto) foi para o mundo o início das boas novas recebidas graças a ele...” (1992, p.18). Entendemos que Lucas possa ter usado em seu evangelho a datação do provável nascimento de Jesus, no período de César Augusto, (2,1) e da boca dos anjos o anúncio do (*sotér*) o salvador (2,11). Da mesma forma o evangelho de João, proclama Jesus o (*sotér tou kósmo*) Salvador do mundo (4,42). Para desmistificar a autoridade imperial.

Em segundo lugar a divinização do Imperador também é discutida nas comunidades cristãs. Entre eles “o evangelho de Cristo é o poder de Deus” (Rm1,16) em outras palavras a boa nova de Cristo, é, que tem o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê. Uma discussão direta com o poder do imperador e do estado de Roma. O evangelho de João em também apresenta essa discussão em sua narrativa ao criar emblematicamente uma imagem que desenha arquitetonicamente o enaltecimento de Jesus em comparação ao império.

Quando lemos em João 3,14 (... que importa que o filho do homem seja levantado...) temos uma discussão com a divindade de Jesus e que tem relação com a autoridade de Moisés, mas que na crucificação também se relaciona com a autoridade Augusta. Podemos entender assim, pois segundo Vidal, o evangelho de João por causa de suas fases de construção, possuem inserções fazendo com os temas criados, se desdobrem e se diluem em outra interpretação, nascendo então, algo diferente daquela que era a primeira intenção do texto (1997, p.22). Com isso alguns dos temas joaninos se tornam segundo nossa opinião uma literatura para elevar Jesus a glorificação e exaltação.

Nesse sentido o discípulo amado ao despir o cristo capítulo (19,23-24), e deixa-lo na cruz, (19,26-30) sem aparente sofrimento, mas sendo observado por todos e entregando seu espírito como a um presente ao Pai parece revelar a “glorificação e exaltação” do Cristo. Além da serenidade na cruz, a sua nudez evidente no texto, para nós revela o confronto direto do filho de Deus cristão, diante do Divi filius romano (Augusto).

Figura 3. Imagem retirada do denário de prata de Otaviano. Fonte: (CROSSAN; REED. 2002, p.93).

Mesmo que João, para alguns estudiosos não tenha sofrido influência direta paulina, sua teologia em nossa opinião pode ter sido tocada por ela. Diante disso, Paulo em sua carta aos Galátas quando fala do anúncio do Jesus Crucificado revela a autoridade superior de Cristo sobre cada um dos seus servos, e não pode ser substituído por um sinal de circuncisão.

E, em terceiro lugar vemos o confronto entre a paz de Cristo e a pax romana. Também temos a construção do Altar da Paz Augustana, decretado pelo senado no ano 13 e dedicado em 9 a.C. Segundo os Atos do divino Augusto (2.2;8,5, apud Crossan e Reed, 2007, p.91):

Quando voltei da Espanha e da Gália durante o consulado de Tibério Nero, e de Públio Quintílio [13 a.C.] depois de ter arranjado nossos negócios com êxito nessas províncias, o Senado resolveu consagrar um altar à Paz augustana próximo ao Campus Martius em honra de meu retorno, e ordenou que os magistrados, os sacerdotes e as virgens vestais realizem aí um sacrifício anual... Por meio de novas leis aprovadas sob minha proposta, trouxe comigo diversas práticas exemplares de nossos antepassados, para uso, que estavam desaparecendo em nossos dias, e, de diversas maneiras, eu mesmo as transmi para serem imitadas na posteridade.

Com isso entende-se que a paz de Augusto e a *pax romana* eram sinais de vitórias usadas em meio à guerra, para a manutenção do controle e estabilidade social. Enquanto Paulo e a fé cristã, proclamam deliberadamente o anúncio do crucificado a paz em relação a tudo que

o poder romano exalta. É nesse aspecto, que Paulo pode estar usando o termo (*eirene*), paz em três momentos em sua carta, na abertura como saudação comum temos o pressuposto de que ele entende que a paz de Cristo (1,3) é a verdadeira motivação espiritual da fé. No segundo momento, esse termo está dentro do catálogo de virtudes (BERGER, 1998, p.123) apontando para a ação do Espírito de Deus (5,22), e por fim ele demonstra que a marca no corpo não deve ser a circuncisão, mas a cruz de Cristo, que é o maior sinal da fé é o que deve anunciar um cristão como uma nova criatura, sendo isso para o mundo, e para ele e para o Israel de Deus (igreja), a paz e misericórdia (6,16). Esse anúncio tríplice da paz em Galátas é evidentemente o símbolo vivo de que a proclamação da fé em Cristo, ou do anúncio de Jesus crucificado é muito mais poderoso, do que as marcas do deus Átis, da paz Augusta, ou a pax (deusa) Romana, por isso Paulo afirma categoricamente que ele tem a marca desse anúncio no corpo.

4. Estudo do Texto

a. Tradução literal

11 Vede com que grandes letras vos escrevi com minha mão. 12 Todos que querem mostrar boa aparência na carne, estes vos constrangem a serdes circuncidados, somente para que quanto à cruz de Cristo não sejam perseguidos. 13 Nem, pois os que são circuncidados eles mesmos a lei guardam, mas quereis que vós sejais circuncidados, para que na vossa carne se gloriem. 14 Mas, a mim não aconteça gloriar-me exceto na cruz do Nosso Senhor Jesus Cristo, mediante quem para mim (o) mundo está crucificado e eu para o mundo. 15 Nem, pois circuncisão algo é nem incircuncisão, mas nova criação. 16 E todos que andarem por esta norma, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus. 17 Quanto ao mais, ninguém me cause problemas; pois eu levo a marca de Jesus no meu corpo. 18 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito! Amém.

b. Primeiras impressões

Nossa análise passa a perceber o texto e seu contexto em sua redação e suas formas mais importantes. Com esse entendimento queremos apresentar o processo exegético que conseguimos encontrar em nosso texto.

Nossa perícope abre com uma nova perspectiva, Paulo usa a pena agora de próprio punho, e segue falando sobre um dos temas que causou problemas na comunidade que é a circuncisão, nesse aspecto Paulo assume que a glória está na cruz, dessa maneira ele volta ao tema da circuncisão e incircuncisão dizendo do fracasso dessa ordem, pois ser nova criação é o único referencial importante para os cristãos.

E por fim mostra que não quer mais discutir esse problema, e conclui dizendo que já tem as marcas de Jesus no corpo, e encerra com sua saudação. “Ninguém duvida que existam declarações teológicas significativas nesta pericope, Tais como a crucificação de Paulo ao mundo (6.14), o conceito de nova criação (6.15), e, claro, a referência desconcertante ao Israel de Deus”. (HARDIN, 2008, p.85).

Com essas impressões iniciais de toda perícope, poderíamos trabalhar o texto de Paulo com o modelo comum, seguindo verso por verso o que é chamado de paralelismo culminativo, onde as palavras e observações Paulinas seguiriam em “linhas sucessivas, até chegar a um clímax (daí o nome “culminativo”)” (WEGNER, 2007, p.92).

Mas como preferimos olhar por outro ângulo, temos então a ênfase Paulina nessa perícope de despedida, que seria o “Anúncio do Jesus Crucificado”. Percebemos que o paralelismo concêntrico responde a nossa questão, e apresenta as inquietações de Paulo sobre os problemas dentro da perícope, e o anúncio de Jesus crucificado com maior proximidade. Vejamos:

a. 6.11 – Saudação

Com esse formato, o que nosso estudo propõe é perceber que Paulo pretende demonstrar o poder de Jesus sobre a fé de seus irmãos. Assim a crucificação é o cerne da nossa questão.

c. Abertura: Escrita de próprio punho, sinal de respeito.

11 Vede com que grandes letras vos escrevi com minha mão.

Esse é o momento em que o próprio apóstolo faz uso da pena, antes possivelmente seu amanuense escrevia o que ele ditava. Ele começa o seu texto usando o verbo (*hidete*) vede, que é o verbo imperativo aoristo de (*oráo*) ver, podemos entender que ele demanda uma ordem, mas também fica claro que os membros não iriam ler a carta, naturalmente quem o faria era algum líder da comunidade capacitado para isso, o que ele faz nesse instante com esse artifício é mostrar o valor de suas últimas palavras na carta “... ele pede que não compreendam a conclusão da carta como um poslúdio menos importante”. (POHL, 1995, p.204). E saberemos o motivo no decorrer do texto.

A epístola estabelece o nível de comprometimento que Paulo espera dos Galátas. Fica evidente aqui o termo “de próprio punho” tem uma ênfase anterior, com as palavras “letras grandes” o termo usado com sentido enfático “Seria um modo de sublinhar ou destacar em negrito” (FERREIRA, 2005, p.187). Essas primeiras letras já nos apontam para a importância do capítulo final da carta. Apesar das diversas possibilidades levantadas, entre elas temos “Paulo escreve com letras grandes, por não enxergar bem, outro escrevia para ele por ter letra ruim, e etc”. Não é possível saber qual o verdadeiro motivo, mas o que talvez seja mais importante fosse seu cuidado com essa comunidade.

d. Despedida: Amizade verdadeira

18 A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja, irmãos, com o vosso espírito! Amém.

Ele encerra sua carta com a saudação que muitas vezes se repetiu, e com o adendo “irmãos” que não é pedido de desculpas, mas uma palavra de fortalecimento, para a comunidade, que deve seguir a fé em Jesus. Ele espera com essa frase final, manter a ordem, e a esperança da comunidade. Além do mais, talvez o desejo seja terminar como “numa celebração litúrgica, há o “Amém”. Ele pode ser tanto do Paulo como da comunidade gálata que ouvindo a leitura dessa epístola, num momento celebrativo, grita em oração Amém”. (Cf. FERREIRA, 2005, p.195). Se essa proposição for verdadeira, a comunidade em momentos de sofrimento faria a leitura dessa epístola e voltariam a ter fé.

A nome de Jesus, em conexão com o termo irmãos, e o espírito dessa comunidade, deveria estar ligado. Para que a graça fosse sempre abundante no meio desse povo, levando-se em conta as dificuldades que eles enfrentariam diante do contexto em que estavam vivendo, ou seja, dos grandes problemas com o império e a mensagem daqueles que podemos chamar de falsos cristãos, Paulo encerra sua carta, acreditando que a forma de vencerem essas dificuldades, seria não se deixar levar pelos judaizantes e o mundo, mas estarem unidos em Cristo e na força desse espírito fraternal da comunidade.

e. O problema da circuncisão

12 Todos que querem mostrar boa aparência na carne, estes vos constroem a serdes circuncidados, somente para que quanto à cruz de Cristo não sejam perseguidos.

13 Nem, pois os que são circuncidados eles mesmos a lei guardam, mas quereis que vós sejais circuncidados, para que na vossa carne se gloriem.

O apóstolo Paulo de início, já apresenta o problema desses judaizantes que querem obrigar os cristãos a se circuncidar. O termo (*anagkadzo*) constranger pode ser entendido como obrigar, assim como Paulo em seu tempo de “judeu perseguidor” fazia com os cristãos. “Assim Paulo no passado forçou cristãos mediante tortura a blasfemarem contra Cristo (At 26.11)”. (POHL, 1995, p.204).

Com isso, Paulo poderia ter usado aqui também o símbolo da adoração a Mãe dos deuses e seus sacerdotes Galli que representavam Átis ao se castrarem, (Conforme falamos acima) a imagem é muito forte, mas representa bem o pensamento de Paulo no que tange o sentido da substituição do sacrifício de Cristo, voltando a uma tradição que já havia sido revogada. “O texto tem como pano de fundo a perseguição por causa de Cristo (v.12)”. (FERREIRA, 2005, p.188).

Ao usar a frase “Mostrar boa aparência na carne” era a evidência que para esses agitadores evitaria problemas com essa sociedade, pois poderia ser até mesmo considerados parte de um grupo de judeus, que por sua vez já haviam conseguido a liberação de seu culto, por um decreto imperial. “O judaísmo enquanto religião tinha conseguido o título de “religião lícita” (religião permitida). Por causa disto, os judeus podiam praticar o seu culto livremente” (FERREIRA, 2005, p.189), o que era diferente dos cristãos. Com isso, Paulo remete aos dois problemas

cultuais desse tempo, o culto a Mãe dos deuses e Atis, e como também ao culto imperial. “Notemos primeiro que 6.12b é a finalidade/ resultado. Em outras palavras, evitar a perseguição pela cruz de Cristo era o objetivo pretendido assegurando um bom status na (circuncisão dos Gálatas) carne”. (HARDIN, 2008, p.87).

A questão de Paulo está na fé, “seus adversários, porém esquivam-se da perseguição e anulam, dessa maneira, o escândalo da cruz (cf. Gl 6,12; Fl 3,18)” (SCHNELLE, 2010, p.309), a obtenção de uma religião voltada para uma marca no corpo só teria um sentido, e, é o que ele vai apresentar no final da sua carta, talvez um símbolo teológico, ou realmente as marcas da sua fé por não negar o seu Deus.

Aqui entendemos que o verso 13, continua e amplia a temática dessa marca que é contrária a fé cristã. O jogo de palavras nesse verso mostra a contradição, que esses molestadores da verdadeira fé cristã vivem, e que é avessa a teologia Paulina. “Paulo sabe que o sentido da circuncisão não é apenas acolhido de um só preceito, mas da lei toda, um compromisso simbólico pra a fidelidade à lei propriamente dita”. (POHL, 2010, p.206) O que esses judaizantes estavam prometendo era à liberdade de cultuar, e a motivação de poderem participar de atos judaicos, e o que Paulo quer é apresentar outra realidade. “O evangelho leva a cruz (5,11; 6,12.14) apesar do escândalo. Claro que é escandaloso. Espelhar-se no Mestre, o crucificado, é acompanhá-lo até as últimas consequências” (FERREIRA, 2005, p.189).

Essa é a prerrogativa do apóstolo, a mensagem cristã é contrária a do mundo, do culto judaico ou imperial, esse verso mostra que essa glória da carne é falsa, enganosa, e na sequência da construção literária ele terminará mostrando qual a glória verdadeira. Nesse sentido Paulo quer enaltecer a glória das marcas de Cristo que ele mesmo leva em seu corpo.

f. O amor ao mundo e a marca de Jesus.

16 E todos que andarem por esta norma, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus.

17 Quanto ao mais, ninguém me cause problemas; pois eu levo a marca de Jesus no meu corpo.

A unidade dos versos 16 e 17 construídos assim em um contexto concêntrico estão em discussão com os versos 12 e 13 relacionados à circuncisão, assim podemos ver uma ironia, pois colocam em xeque os cristãos indecisos, que entendem nessa marca no corpo, o fim dos

problemas para cultivar. Mas, ser servo de Cristo é não se alinhar ao modelo religioso de sua época, mas antes ter a glória de Cristo em si mesmo, e, com isso poder anunciar o Jesus crucificado. E se for necessário, carregar os sinais dos açoites no corpo, assim como Paulo sofreu essas marcas, que foram deixadas pelos judeus “2 Co 11,24 Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um”. É como se ele dissesse, eu já sofri por pregar a Cristo, agora vocês querem receber a circuncisão e serem confundidos com eles, ao invés de anunciarem a Jesus crucificado, que foi açoitado também a mando deles.

Vemos nesses versos, um sinal de esperança para a comunidade, essas linhas mostram que a fé em Jesus, e a nova vida com ele, mesmo nas tribulações, trarão paz e misericórdia, evidentemente a comunidade precisa levar essas considerações ao nível da simbologia do modelo de vida cristã, ou sinal da vida eterna. Afinal não é isso o que realmente tem acontecido, mas a esperança em uma nova vida é o que apresenta a carta para um futuro eterno. “Aqui a paz é anunciada como, p. ex., nos Sl 125.5; 128,6, de pleno conteúdo e consciência a “Israel”. Isto é, o apóstolo está abençoando toda a igreja de Cristo livre da lei em sua condição de povo messiânico da salvação”. (POHL,1995, p.207).

Não devemos deixar de lado também o confronto Paulino diante da “paz Augusta, e a pax Romana”, que já mencionamos acima, mas deixa evidente que essa paz de Cristo anunciada é sofrida, mas superior, pois evoca a fé no crucificado, da forma que o verdadeiro cristão encontrará a vida eterna. Paulo fala de maneira espiritual, e a comunidade cristã deve aludir o propósito de Deus, que é viver no mundo, mas como um povo especial, o que lhe é proposto é uma vida no Espírito, em confronto com o Israel físico, que precisa das marcas da lei, o Israel espiritual que é a comunidade Gálata tem as marcas da cruz de Cristo, que é ligada a fé e ao batismo em Cristo (Gal 3,27).

O verso 17 nos faz perceber que a grande marca que Paulo tem jamais se compara a uma marca religiosa, mas uma fé que não se conforma com o mundo vigente. Estamos no verso que provoca uma reflexão na comunidade, ele atende as respostas que ela precisa. Mais uma vez ele é irônico e usa dessas marcas físicas para atingir diretamente o falso e conflitante discurso dos judaizantes. “Paulo porta em seu corpo as marcas de Jesus (Gl 6,17) feridas que lhe foram infligidas em seu trabalho missionário, por exemplo, através de flagelações (cf. 2Cor 11,24s)”. (SCHNELLE. 2010, p.363). Mostrando assim que aqueles que não querem correr os riscos dessa marca no corpo, não pertencem à comunidade.

Além disso, apesar de ser uma marca física ela acabou se tornando um preceito com sentido espiritual, se levarmos em conta que “O que aconteceu com o mestre se repetiu, de certo modo, nele. É o martírio ininterrupto que conhecemos em 1Cor 15,32; 2Cor 1,9-9 e aqui. Estas feridas e cicatrizes foram provocadas pelas perseguições acontecidas por causa do testemunho ao Evangelho de Jesus Crucificado”. (FERREIRA, 2005, p.194). Nesse aspecto podemos entender de forma dualista, ou seja, ele sofreu no corpo físico o martírio, mas representava também a sua vida de servo de Cristo no espírito, e que mostra ao mundo que o escravo se submete ao seu Senhor.

g. A glória na Cruz de Cristo – A nova Criação

14 Mas, a mim não aconteça gloriar-me exceto na cruz do Nosso Senhor Jesus Cristo, mediante que para mim (o) mundo está crucificado e eu para o mundo.

15 Nem, pois circuncisão algo é nem incircuncisão, mas nova criação.

A comunidade agora compreende, qual é a gloria que todo cristão deve perseguir, não aquela do vencedor, do guerreiro romano, ou do atleta grego, e sim do servo de Jesus, e ainda, não é apenas isso, mas já temos uma pista sobre o poder da sua fé. Para Bultmann, esses versos Paulino, são paradoxais e que transformam o vangloriar-se na carne, o gloriar-se na fraqueza (Cf. BULTMANN, 2004, p.302), é o que ele quer dizer com o gloriar-se na cruz de Cristo. Com essa perspectiva, Paulo quer ser exemplo para os fiéis. O apóstolo quer a negação do desejo de viver em si, “É o cumulo do aniquilamento, da humilhação. É a tragédia total. Porém, a razão pela qual se chega à cruz muda tudo”. (FERREIRA, 2005, p.190). Não podemos perder o fio condutor, da carta, ele não perde o foco, sabe que a comunidade, está em dúvida, e por isso apresenta suas perspectivas. “Com o auxílio da forma passiva “está crucificado para mim” Paulo aponta para uma atuação do Deus onipotente” (POHL, 1995, p.206). Usamos em nossa tradução “mediante que para mim o mundo está crucificado”. Essa onipotência está representada na ação de Deus na vida de Jesus. A fé em cristo está em superar o medo, e o desejo da vida terrena, ou da sua glória pessoal. Paulo quer mostrar a todos que a fé é a fonte do amor a Cristo, e isso, não pode ser suplantado pelas vantagens desse mundo.

Devemos lembrar que os judeus não podiam aceitar um messias crucificado, para eles esse ungido aguardado, vinha da raiz de Davi, o rei

do salmo 2 com cetro e grande poder. E os romanos por sua vez abominavam a ideia da cruz, por isso, bastava-lhe uma comprovação de cidadania romana, para que um ser humano fosse liberado da crucificação.

Havia grande repúdio a essa imagem, mas Paulo forçava a sua comunidade a desenhá-la em suas mentes nos seus discursos, e aqui ele enfatiza de todas as formas essa questão.

Talvez seja o verso mais difícil de compreender, pois ele pode levar a diversas possibilidades, em todo caso, por preferirmos centralizar esses versos, temos que contextualizar com o verso posterior. Mas primeiro, se temos a cruz como sinal da glória de Cristo para Paulo, então o mundo crucificado é o símbolo do amor que motiva a ação de Deus, pois o anúncio do Cristo na cruz é a fonte do amor divino, a interpretação pode ser essa. Jesus se fez maldição para salvar o mundo, e por isso devemos imitar a Cristo, nos fazendo crucificado por causa do mundo. Esse jogo de palavras Paulino revela o grande amor de Deus, e o cristão que o ama, sofre crucificado pelo mundo e o vê nesse mesmo aspecto, quem está na cruz é amado de Deus.

Aqui temos uma bela ênfase do que Paulo entende com o ser cristão, nenhuma ação pode fazer o convertido ser regenerado, a não ser o que foi feito na cruz. Por isso antes de mostrar qual o resultado da (nova criação), ele apresentou o caminho da (cruz de Cristo).

Ele volta ao tema da circuncisão agora com a incircuncisão. “Uma formulação similar já ocorreu em 1 Co 7.18 e em Gl 5.6”. (POHL, 2010, p.207). Para Joel Ferreira esse verso poderia ser considerado a conclusão do capítulo de Gálatas 3,26-28. Para ele a nova criação é um tema importante, por isso ele nos dá uma contribuição pertinente. “A “nova criação” é uma expressão conhecida nos escritos apocalípticos, nos quais se acentua o motivo da novidade radical e intransigente”. (FERREIRA, 2005, p.190). Com isso, vemos que para o apóstolo, nada supera a fé em Cristo. Com esse olhar podemos também entender que a condição maior que Paulo apresenta para a verdadeira fé, não está na marca do corpo, mas no símbolo vivo da comunhão da igreja com Cristo, e do sinal de unidade com ele, que é o batismo. E, é o que podemos entender por meio da fala de Izidoro: “O batismo para Paulo, segundo Gl 3,27, correspondia a um ato exterior ritualístico que concedia ao iniciado o status de adesão a Cristo Jesus e de filiação a Deus na comunidade cristã. O batismo envolvia uma decisão de transição de um “caminho velho” da vida humana para um “novo caminho”, para uma “nova criatura” (Gl 6,15c)”. (IZIDORO, 2010, p.147).

Assim, entendemos que Deus esvaziou seu filho, colocando-o no espectro humano, para nos dar nova vida. “Para Paulo, Deus não “recriou o ser humano, mas enviou seu filho, Cristo, dentro da velha criação (1,4;4,4-5), na qual ele realizou a salvação. “A nova criação surge no meio do velho mundo, a carne”.(FERREIRA, 2005, p.191). Assim vemos que o texto vai se entrecruzando e se complementando, dando sentido cada vez mais forte sobre o poder de Deus em Jesus, para salvar o mundo pelo seu corpo e sua morte na cruz, e por isso o cristão deve ter outra marca no corpo que fica cada vez mais claro que não é a circuncisão, já que todo cristão é nova criatura.

Essa nova criação é estereotipada pela crucificação, esses versos então parecem ser centrais para compreendermos o valor da fé Paulina, e o amor de Deus pela humanidade. A circuncisão traz na verdade uma religiosidade cômoda ao fiel e a volta a lei. Enquanto a cruz atende a necessidade divina de apresentar à comunidade a fidelidade da mensagem de Cristo, que é salvar todos por esse instrumento de morte e vergonha, mas que em Paulo é sinal de virtude e fé, assim o mundo está crucificado como sinal de amor de Deus, e ele crucificado no mundo, fazendo assim mensageiro do “Anúncio do Jesus crucificado”.

Conclusão

Concluímos que a carta aos Gálatas mostrou a comunidade o amor de Paulo e de Cristo por seu povo, e mesmo entre as duras palavras, o seu desejo era a afirmação de fé, as comparações com o mundo, o judaísmo, o poder de Roma, os cultos considerados pagãos não são para ele, comparável ao que Cristo tem para sua comunidade. Por isso mesmo em meio a todas essas problemáticas, ele anuncia o “Jesus crucificado” como o maior sinal da fé cristã para a comunidade da Galácia.

Os conflitos históricos, o mundo da Anatólia e suas diversidades religiosas, foram para Paulo um dos grandes incentivos para sua pregação, e a inspiração para escrever sua carta. A deidade feminina da mãe dos deuses motivou a fazer grandiosa crítica a loucura da fé do mundo de seu tempo. Os sacerdotes Galli, e sua castração foi um poderoso contexto para dissuadir os cristãos em dúvida sobre como proceder com sua fé e negar a circuncisão.

E por fim o discurso contrário de Paulo ao mundo vai de encontro ao modelo do culto ao Imperador, e isso foi essencial,

para mostrar à comunidade da Galácia a estultice que era segundo Paulo continuar seguindo os preceitos do mundo. Pois para ele, a glória desse mundo não se compara a glória de Cristo. E que as conquistas de Augusto são passageiras e finitas, assim como a apocalíptica do segundo templo, a apocalíptica cristã, como também a teologia escatológica Paulina sempre tentaram mostrar aos fiéis. E que no final o Senhor faria justiça, e em Cristo, eles teriam a verdadeira paz que é contrária a pax de Roma, que para ser promovida fazia guerra, aniquilava seus inimigos e escravizava os povos.

Assim vemos que os temas usados por Paulo, são referentes ao seu tempo, mas que para a fé cristã é atemporal. Pois os impérios do mundo querem tirar o alvo da cruz de Cristo, mas, a fé cristã sempre terá o anúncio do Jesus crucificado como início, meio e fim de seus esforços para salvar o mundo, crucificando-o com Cristo, onde se encontra a salvação eterna.

Referências

- BÍBLIA, N. T. Gálatas. In BÍBLIA. Português. **De Jerusalém: Antigo e Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2012.
- BERGER, K. **Qumran e Jesus: Uma verdade escondida?** Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1994.
- BERGER, K. **Psicologia Histórica do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2011.
- BULTMANN, **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Teológica, 2004.
- COENEM; BROWN, Dic. **Intern. de Teo. Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- CONCORDÂNCIA, **Fiel do Novo Testamento, Vol II – Português-Grego**. São José dos Campos. São Paulo: Editora Fiel, 1997.
- CROSSAN, J.D; REED, J.L, **Em busca de Paulo**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FERREIRA, J.A. Gálatas, **A epístola da abertura de fronteiras**. São Paulo: Loyola, 2005.
- GASPARRO, G.S. **Soteriology and Mystic Aspects in the Cult of Cybele and Attis**. Netherlands: Brill, 1985.
- HARDIN, J.K. **Galatians and the Imperial Cult**. Tubingen: Siebeck, 2008.

IZIDORO, J.L. **Fronteiras e Identidades Fluídas no Cristianismo da Galácia**. 2010. Tese (Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo.

_____. **Cultura e religião popular no Mediterrâneo antigo**: Memória e recepção nos antigos escritos cristãos. Disponível em: [https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Ribla/article/view n. 73](https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Ribla/article/view/n.73), 2016. visitado em 29.04.2017.

JEREMIAS, **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2008.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005.

MEGAHED, M.; VYMAZALOVA, H. **Ancient Egyptian Royal Circumcision From the Pyramid Complex of Djedkare**. Antropologie. XLIX/2, p. 155–164, 2011.

POHL, A. **Carta aos Gálatas**: Comentário Esperança. CTBA: Ed. Evangélica Esperança, 1995.

SASSON, J.M. **Circumcision in the Ancient Near East**. Journal of Biblical Literature. 85,4 (1966) .p.473-476. Disponível em: <https://discoverarchive.vanderbilt.edu/bitstream/handle/1803/3895/Circumcision%20in%20the%20Ancient%20NE.pdf?sequence=1>

SCHNELLE, U. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2010.

VAUX, R. **Instituições de Israel**: no Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2004.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**. São Paulo: Ed. Sinodal e Paulus, 2007.